ISA Instituto Socioambiental

A chegada do povo Kawaiwete no Xingu

Jawakatu Kaiabi entrevista Makupa, Osmar e Kwariup

Reunidos do Diauarum em junho de 2013, os Kaiabi participantes da formação animaram uns aos outros, para avançarem em suas pesquisas. Todos colaboraram na revisão dos textos, gravação de entrevistas, debates políticos etc, importantes para cada um. Nesse encontro de pesquisa Jawakatu concluiu sua principal entrevista, abaixo apresentada.

JAWAKATU ENTREVISTA MAKUPA KAIABI

Jawakatu: *Por qual motivo povos Kawaiwete foram transferidos para o Xingu? Por que os Kawaiwete estavam divididos em três grupos diferentes naquele momento?*

Makupa: Eu vou falar sobre a divisão do povo Kawaiwete, porque a gente acompanha um pouco a conversa dos velhos e, principalmente, meu pai contava sobre o conflito que aconteceu com outros índios. Essa guerra deixou a gente sem rumo. Principalmente os parentes Munduruku foram grandes inimigos. Foi uma das coisas que deixou a missão em aberto para os Kawaiwete. O ataque maior foi na região do Batelão, e foi muito forte. Devido a esse ataque entre indígenas, o povo Kawaiwete começou a se dividir, vindo para o rio Teles Pires - que os Kawaiwete chamam de Wyrasingy -, onde a chegada do branco também não demorou muito.

KAWAIWETE

Os Kawaiwete que estavam chegando no Teles Pires, começaram a descer para a cabeceira do rio ao sul do Pará, na divisa com Mato Grosso. E não demorou muito, acabou acontecendo conflito entre nós mesmos, por causa de ferramentas e por conta de um branco que os próprios Kawaiwete mataram. Houve um desentendimento que não conseguimos resolver, pois não tinha quem pudesse separar essa confusão entre nós. Não demorou muito, também aconteceu uma expedição para o Xingu conduzida pelo Prepori (eu não me lembro tão bem, mas a Kwariup pode contribuir com a gente); depois disso, aconteceu o encontro com os Villas Boas.

Já estavam chegando os brancos. Já estavam por aí o gateiro, o seringueiro. Minha impressão é que, na época, os garimpeiros ainda não tinham chegado, mas já estava previsto que chegariam. Esse encontro com os irmãos Villas Boas veio numa intenção de apoio ao plano do governo. Já estava sendo planejado como o governo poderia fazer para ocupar espaço para a chegada dos colonizadores, grandes plantadores de soja, arroz. Na época, arrozeiros. E também ocupar espaço para rodovia, ferrovias. Na época ainda não tinha a BR-163 que liga Cuiabá a Santarém, que hoje estamos usando.

Como a gente já estava tendo conflito com branco – branco não nos respeitando –, com o plano do governo e com o pedido do Cláudio, acho que, com isso, Prepori conseguiu fazer esse trabalho.

Talvez antes de o Cláudio chegar lá para cuidar dos Kawaiwete... ou de repente chegaram juntos, ele e o padre João... ou, bem na hora de trazer os Kawaiwete para o Xingu...: nessas horas o padre fez a cabeça de quem ficou lá até então, de que não poderiam vir, porque aqui não era nossa terra. De que era uma retirada de índio para o branco ocupar o espaço. O padre pediu para o pessoal aguentar pressão do governo; a mesma coisa com pessoal do Pará. E, ainda assim, algumas pessoas aceitaram vir. A gente sabe que vieram muitos: meu pai, Juta´ywa, Chikito, Kupekangui, Xupe. Outros que já estavam lá na época, permaneceram, e tivemos conflito entre nós que viemos, e os que ficaram lá: se nós estávamos vindo para terra de outros índios, que nós podíamos vir para o mesmo problema, que enfrentaríamos o mesmo problema. Essa decisão nos fez separar, mas separação mesmo foi por causa da guerra entre nós com os Munduruku, que fez o pessoal Kawaiwete ficar muito sem rumo.

A gente não sabe direito onde começou, Prepori falava que nós viemos do Rio de Janeiro. Acho que concordamos com isso. Então é essa fase que deixou pessoal ficar assim, divido. E hoje a gente analisa que foi bom terem ficado pessoas lá, pelo que o governo falou para nós. Os irmãos Villas Boas falavam que, se nós ficássemos lá, a gente não sobreviveria: que o branco acabaria com a gente, com doença, no tiro, ou mesmo escravização, que aconteceu na época. Mas nosso pessoal conseguiu sobreviver e se manter. No Tatuy mesmo, o padre acho que cuidou muito bem. A gente tem história gravada aqui, de como nós sobrevivemos a tudo o que aconteceu naquela época.

Talvez a primeira missão do Prepori para cá tenha sido por desentendimento entre os próprios Kawaiwete, e não apenas porque o Cláudio que fez uma expedição... Não sei se foi apenas que Claudio começou a fazer a expedição pra cá... Porque, além deste motivo, talvez tenha tido outros. É assim que a gente entende e acompanhou, e estou explicando.

Agora, como chegaram aqui, eu não sei bem. É muita coisa. Cada um conta diferente, cada pessoa conta a sua necessidade, como chegaram, o que encontrou aqui... Então, acho que, para entender melhor, a gente tem que correr atrás de muitas pessoas. Ver que algumas pessoas chegaram aqui e depois voltaram para lá, e depois voltou pra cá de novo! E tem família que conseguiu chegar, tentou voltar mas não conseguiu chegar até a estrada que tinham pego. Então cada família tentou se encaixar, com a orientação do Prepori.

Eu acho que foi muito forte: tinha uma terra demarcada, e muita ferramenta. Inclusive, na primeira visita que Prepori fez lá no rio dos Peixes, no Batelão, parece que ele largou muita ferramenta lá, terçado, enxada, facão, bastante mesmo, como hoje o pessoal conta. Pessoal do Tatuy, muita gente não conheceu Prepori, eles conheceram mais a família do primo dele, Sabino. Prepori mesmo, passou lá mas não conseguiu chegar na aldeia. Assim relatam as pessoas do tempo dele e muitos Kawaiwete que vieram do Batelão para o Teles Pires. Algumas famílias voltaram, a própria família do Prepori. Também ele já faleceu, só tem sua família agora, os filhos. Muitas pessoas conviveram lá no sul do Teles Pires. Tem pessoas que não conseguiram vir para o Xingu e voltaram para o Rio dos Peixes. Não era mais Batelão, pessoal já estava lá embaixo, onde eles estão agora.

KAWAIWETE

Eu aprendi e estou aprendendo ainda, que cada pessoa que você conversa, conta uma coisa interessante. Agora mesmo, Wararu contou para nós do sofrimento que ele passou lá. Cada um conta de um jeito, como entendeu. Tem gente que fala da fome e de muriçoca... outros falam da distância... da doença que enfrentaram... ou do transporte de ramas de mandioca e semente para cá, essas coisas: – " É isso que eu tenho para contribuir: estamos tentando contribuir, e estamos contribuindo com eles, com a história deles". Eu acho que já tem muita história. E já tem muito no papel. Mas a gente quer saber mais, com cada pessoa mesmo. Por exemplo, Arupa tem muita história, ele ainda dá conta de contar e falar como chegou aqui. Outro, por exemplo, Chikitu já está fraco e não dá mais conta de falar para nós do que viram, vindo de lá, está esquecendo. Arupa chegou aqui jovem e criança, criança que já tinha noção do que estava acontecendo, então acho que ele nos ajuda muito, para entender a história.

JAWAKATU ENTREVISTA OSMAR KAIABI E MAKUPA KAIABI

Jawakatu: *Quantas famílias foram trazidas pra cá? Quem era esse cacique?*

Makupa: Então, vamos conferir aqui as famílias pioneiras que vieram...

A família da Up, que já era uma família um pouco grande; tinha o meu tio também, que morava com eles. O nome dele Atonyo Ywy´yk (*e'i tóko e´y ja jupe raku´e areruwyri´upe raku´e*), ele que conviveu com eles. Aí vem meu pai, Massi´a, e vem o pai do Sirawejup, Pyri´i. Aí vem Tóim: eu não sei se ele já era casado ou chegou aqui jovem. Eu não sei direito, ele era casado. Aí vem vocês, finado seu pai Jurupere´wi; finado seu tio. Depois vem o pai do Murici, Pyrekatu. E vem o pai do Tyma´ari. Até aí temos dez famílias que chegaram. Não sei se eu falei do Chikito, pai do Mairata. Tymakang, Kamitai´i, pai do Sirawe, do Sobradinho. E pai do Jywamí, e o pai do Machado, Jurumuk. Avó dele, Kawaising. A família do Kleber, Matat. E tinha mais uma família, que o chamava sogro do Pinowi, Pyreju´wi. E pai do próprio Pinowi. Aí vem o Mairawy, a família dele. Estou falando do Teles Pires... Tem algumas famílias que a gente não chegou a conhecer, por exemplo a mãe da Juwi´ap, mulher do Awatat e o pai do Awatat. Então, aproximadamente, 22 famílias que vieram e foram pioneiras.

Pessoal do Tatuy: Aí vem pessoal do Tatuy, eu não me lembro se foram 5 famílias, porque tem o pai do Kupejãni: Temeuni, e o pai dele também, Karau´u. Temeuni, todos os filhos dele, o pai do Y´waret, e o pai do Pa´an. O menino que está aqui ainda, Kupejáni. Jawari Tangue: eu não sei se ele é do Tatuy ou do Wyrasingy, não sei direito (se ele é do Tatuy... ou ele é do Teles Pires... ele é do Pará mesmo, pai do Funai, também. Então praticamente, lá do Tatuy foi pouca gente. Até aparece no filme (Xingu, 2011, Cao Hamburger), que de lá, veio pouca gente. Agora, do Teles Pires veio mais gente, família maior.

Então, aproximadamente 30 famílias que vieram na frente. Ou mais um pouco. Depois, na segunda viagem, veio Pio´i. Pai do Jepyk. Xupe. Pai do Momot. Kupenkangui... na terceira... ou não sei se na segunda... viagem. O pai dele também. Só que o pai dele é do Tatuy... acho que ele conviveu em dois lugares... talvez. Vocês vieram do Tatuy, Osmar?

Osmar: Então, isso que você já falou, Makupa, eu só vou complementar, que meu pai era do Teles Pires. Quem levou meu pai para o Tatuy foi padre João, que você já citou. Por causa da doença, diz que era sarampo... catapora... Então estavam morrendo muitos Kawaiwete lá no Teles Pires, e começaram a transportar o pessoal de avião. Não sei que avião que era. Eu não conheço. Eu só ouvi pela história. Meu pai foi levado lá pro Tatuy. Acho que vocês conhecem: teve um pouco de briga lá. Então, de lá, os Kawaiwete... não tem aquela história? Kawaiwete vai lá procurar terra e fica lá. E meu pai morou uns tempos lá no Tatuy. Depois o sobrinho dele foi lá buscar, trouxe para o Xingu, e estamos por aqui. É isso que eu tenho para contribuir.

Jawakatu: *Como era o transporte para eles chegarem até aqui?*

Makupa: Então, acho que quando a gente pergunta, é que a gente tem dúvida. Eles tinham uma estrada que veio lá do Opemu´uhm. De lá que eles vieram subindo até não sei bem onde..., desceram a canoa e vieram pra cá, até chegar aqui no rio Manito. Chegando no rio Manito, eles desceram. Antigamente era mais usada a casca de jatobá.

Então, primeiro eles vieram mais pela estrada mesmo, e vieram pegar canoas, ou fizeram outras canoas, aqui no rio Manito. Assim que a gente acompanha

um pouco, que eles faziam a canoa de casca de madeira, para poderem vir. Uma parte veio à pé mesmo, descendo o rio Manito. Outra parte fez canoa e veio descendo o rio, acho que esses usaram mais casca de jatobá mesmo. Meu pai contava que uns tiraram casca, fizeram canoa e vieram pra cá. Um grupo veio para avisar aqui para o Orlando Víllas Boas, que tinham chegado grupos de Kawaiwete. Então ele mandou um barco daqui até lá. Pela história a gente sabe que tinha uma aldeia lá no rio Manito, na ponta dos limites. Então, de lá que eles vieram. Pararam lá e depois vieram pra cá. Assim que a gente acompanha. E assim que eu sei um pouco dessas histórias. Transporte que eles vieram, era mais isso, a estrada e a canoa.

Jawakatu: *E todos foram para esse lugar no Manito? Ou outros grupos chegaram em outros lugares, na segunda e na terceira viagem?*

Makupa: Todos pararam lá nesse lugar, que era um ponto para eles descansarem; na verdade, era uma aldeia mesmo. De lá eles vieram pra cá, continuando a viagem. Então, toda vez que eles iam vir pra cá, os grupo paravam lá, para descansar ou para esperar o barco subir daqui para pegar eles lá. Assim que eles contam e a gente sabe um pouco da história. Aqui dentro, talvez seja a primeira aldeia que eles fizeram, lá no Manito, pelo Prepori Kaiabi. Talvez segundo acampamento grande tenha sido ali no Capivara. Depois de algum tempo que começou a expandir as aldeias... depois de muito tempo.

Jawakatu: *Ninguém viu aquela coisa de chegar de avião, que aparece no filme Xingu?*

Makupa: Não. De avião, quem veio foi o pessoal do Rio dos Peixes. Pessoal do Teles Pires, que veio do Pará, veio à pé mesmo. À pé e a remo, barco. Pessoal de Juara que veio de avião.

Jawakatu: *E levaria muito tempo se viessem à pé?*

Makupa: Talvez fosse demorar mais tempo, porque é outra bacia. Não é mais bacia do Teles Pires. então ia demorar muito mais. E lá teve a facilidade de abrir pista de avião, porque parece que tinha campo lá, o que facilitou o trabalho. No Teles Pires, era mato. Mato alto.

Jawakatu: *Quando você fala de famílias que vieram e voltaram e depois vieram de novo. São muitas ou poucas as famílias que fizeram assim?*

Makupa: Eu sei qual foi o objetivo do pai dele. O Wararu tava falando para nós que eles voltaram para lá para buscar materiais como flecha, que aqui eles viram que não tinha. Eles fizeram uma comitiva e foram só para buscar o material; algumas famílias... não me lembro. Mas algumas famílias queriam ir embora mesmo, de volta. Mas não conseguiram. Algumas famílias não gostaram desse local, porque não tinha castanha nem frutas, e recursos que eles utilizavam. Assim a maioria das famílias queria voltar, mas não conseguiu. Alguns subiram o rio e voltaram. Parece que parentes da minha esposa mesmo. Parentes dela tentaram subir... foram... acabou a comida, não tinha comida... e retornaram pra cá. Eles falam que, se tivessem chegado lá, talvez eles não teriam voltado... não sei ser ia dar certo...

O segundo grupo dos Kawaiwete que vieram pra cá, uma parte da família também conseguiu voltar. Que é a família da Kwariup. Parte da família da mãe, família do Aturi, que conseguiu voltar. Chegou aqui, não sei o que ele não gostou e voltou. E talvez tenha sido maltrato dos próprios Kawaiwete. Voltou e conseguiu chegar lá: a família está lá, filho, genro. Mas agora ele mesmo já faleceu, já estava na idade, estava muito velho.

JAWAKATU ENTREVISTA MAKUPA E KWARIUP KAIABI

Jawakatu: *Vocês já escutaram os mais velho que estão lá? Como eles contam essas histórias? E como eles vêm no Xingu?*

Makupa: Pessoal do Tatuy e também do rio dos Peixes, estavam com essa orientação do padre, e concordaram com a ideia dele: que ficassem para lá e que não poderiam vir. Mas com esforço, parte do pessoal veio, veio uma família importante de Juara para cá, que é o Temeuni, pai do Kupejãni. Foi liderança mais forte da região. Algumas pessoas que vieram, depois foram buscar outras famílias que tinham ficado lá. Mas não conseguiram trazer todo mundo. Algumas também falaram que não vinham... e algumas pessoas se esconderam do Cláudio.

Eles têm muitas histórias. Eu não dou conta de contar, porque é muita coisa que eles falam para a gente. E tem que ouvir muito para poder decorar. É muito bonita a história. Eu gostei do que eles contaram pra nós. Então é isso!

Kwariup Kaiabi: Eu vou falar um pouco sobre o que Makupa estava falando.

O finado Temeuni não queria vir. Conseguiram trazê-lo porque a esposa dele falou para ele que ela ia embora com as pessoas que estavam vindo para buscar. Ela ia deixar ele lá. Por isso ele resolveu vir. Ela conseguiu trazê-lo para o Xingu. Mas ele não queria vir. Ele falou que aqui não era terra dele, mas dos povos que moravam aqui. Ele sabia que o povo daqui ia maltratar. Falou que os índios daqui eram feiticeiros, que iriam acaba com ele. Que não ia ter comida. Não ia dar bem, como as comidas lá na terra dele. Por causa disso, ele não queria vir, queria ficar lá. O pessoal que foi buscar, principalmente meu avô sofreu para trazer esse senhor. Mas, finalmente, conseguiram trazê-lo para o Xingu. É isso.

Jawakatu: *Como foi a primeira chegada dele aqui. E quantas vezes ele foi pra lá? Seu avô foi muitas vezes lá, naquele período?*

Kwariup: Sim, ele foi muitas vezes. Quando ele encontrou pela primeira vez com Cláudio, ele contava a história assim. Que ele estava indo para o Pará porque ele tinha perdido o filho dele. Os brancos não davam remédio para os filhos. Ele sentiu muito a filha que ele perdeu por último e ficou de ir embora para o Pará. Ele estava descendo, quando encontrou com Cláudio. Lá conversou com ele e contou tudo o que estavam fazendo para os índios. Cláudio falou para ele não ir embora para o Pará, porque lá ele perderia todos os filhos, que ele estava indo para o pior. Então pediu para ele vir para o Xingu. E ele acabou aceitando o convite do Cláudio. Ele voltou para a aldeia, para preparar as comidas, farinha e outros, para poder vir caminhando depois de dois, três meses. Ele falou que passou três meses caminhando, e depois que acabou a farinha ele veio sofrendo mesmo assim, comendo só macaco assado sem nada, até chegar no Xingu. Quando chegou no rio Manito, ele tirou casca de jatobá para fazer canoa e veio descendo o rio até chegar no Yudja. Quando chegou pela primeira vez na aldeia deles, disse que os Yudja queriam atacá-lo, pensando que eram Kaiapo. Então, como um Yudja tinha ido lá no Teles Pires – que ele conheceu –, essa pessoa foi lá para ver ele, de canoa. O finado meu avô perguntou: – Por que

vocês estão querendo me matar? Vocês sabiam que eu ia vir pra cá. O Claúdio me convidou, por isso estou vindo pra cá. Não me recebam com essa briga. Então ele voltou e pediu para as pessoas ficarem calmas.

O povo Yudja se acalmou e meu finado avô foi recebido. As pessoas que vieram com ele estavam com medo, pedindo para ele não encostar a canoa. Mas meu avô, que era grande chefe ou grande cacique que enfrenta as coisas, chegou lá e levou as pessoas. Eles não queriam sair da canoa. Ele saiu e foi lá. Os Yudja tomaram arco e flecha e estavam querendo flechá-lo. Mas ele falou: – Me dá esse arco! E o tomou. Aí dizem que ficou lá com eles, morando um pouco com Yudja, três ou quatro meses. Eles cuidaram deles, deram caças e comidas. Depois que os povos engordaram, vieram para o Diauarum. Assim que vieram encontraram com Claúdio. Dali ele ligou via rádio para Orlando, que estava no Leonardo. Orlando pediu para eles subirem para o Leonardo. Sem conhecer essa região, ele subiu o rio de canoa. Para cima do Jacaré, Orlando se encontrou com ele de barco a motor e o levou. Ele falou que não teve medo de ninguém. Nem teve medo de morrer pela feitiçaria. Ele conseguiu chegar nas aldeias dos Kamaiura e na aldeia dos Trumai, onde conversaram, mesmo sem saber a língua dessas pessoas. Ficaram muito tempo aqui. Depois foi conversando sobre como poderia fazer para trazer o povo, outras pessoas.

Depois de muito tempo ele voltou lá, levando essa mensagem para o povo. E assim, com muito sofrimento, ele conseguiu o que ele queria para o povo dele. Porque no rio Teles Pires os homens sofreram muito de tirar seringa. Mesmo tirando seringa não recebiam nada, nem arma, nem cartucho, nem nada. Só recebiam mixaria mesmo. Por causa desse sofrimento, algumas pessoas concordaram em vir para o Xingu, e ele conseguiu trazer. E alguns não queriam, falaram que iam trabalhar para o seringueiro, porque estavam recebendo bem. Mas não era. Assim que meu avô conseguiu trazer algumas pessoas para o Xingu.

Figura1. *Mapa mostrando a localização do território ancestral Kaiabi e a situacão demográfica do grupo entre 1955 e 1966. Fonte: Dornstauder (1985), reimpresso em Grünberg (2004). In: Athayde, Simone, 2010, Weaving Power: Displacement, Territory and Indigenous Knowledge Systems across three Kaiabi Groups in the Brazilian Amazon (Tecendo poder: deslocamento, território e sistemas de conhecimento indígenas através de três grupos Kaiabi na Amazônia brasileira), pag. 102, figura 3.1.*

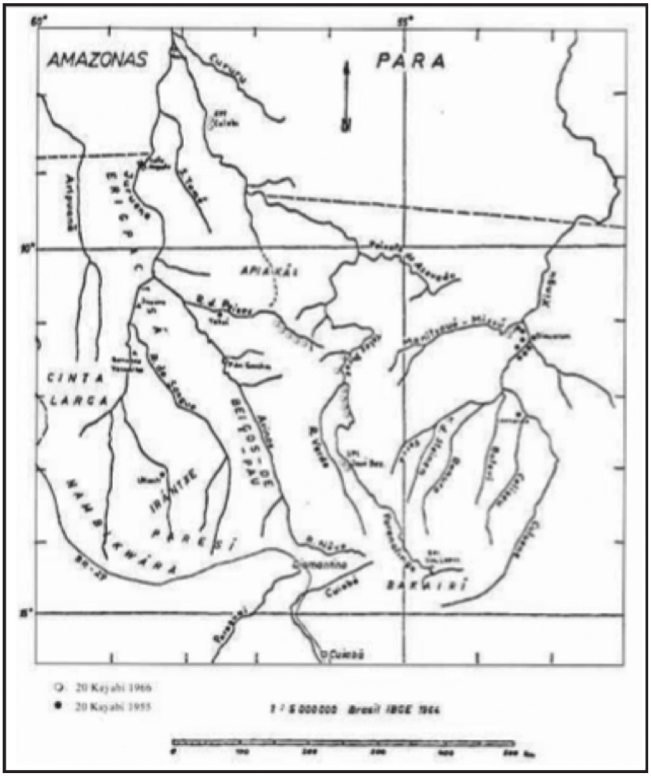

Figure 2. *Mapa da delimitação da TI Batelão, na região do Rio dos Peixes, mostrando a localização de antigas aldeias Kaiabi.*

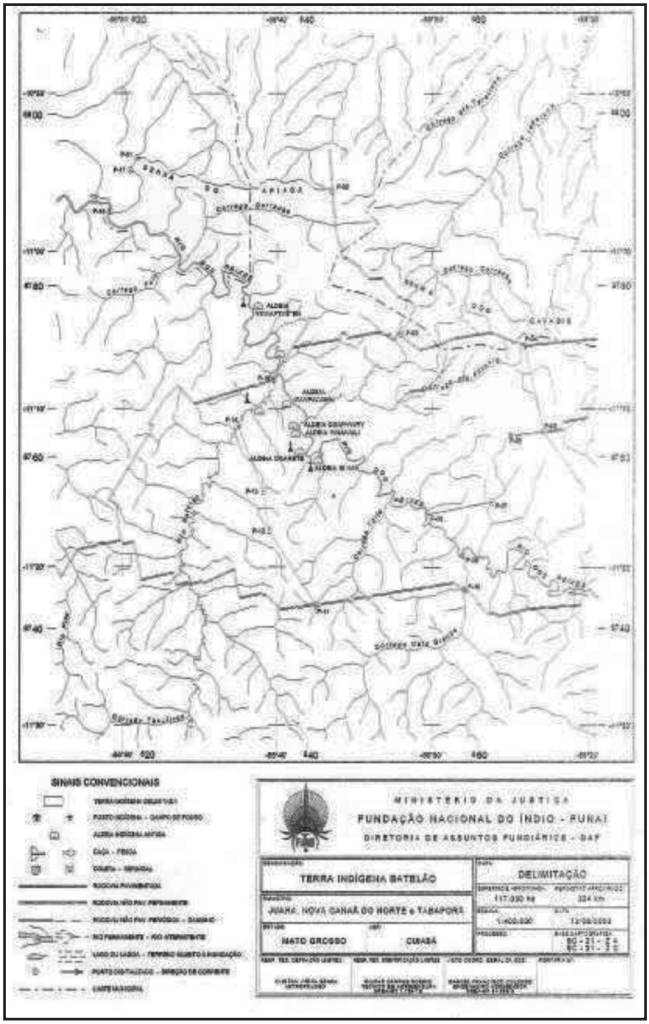
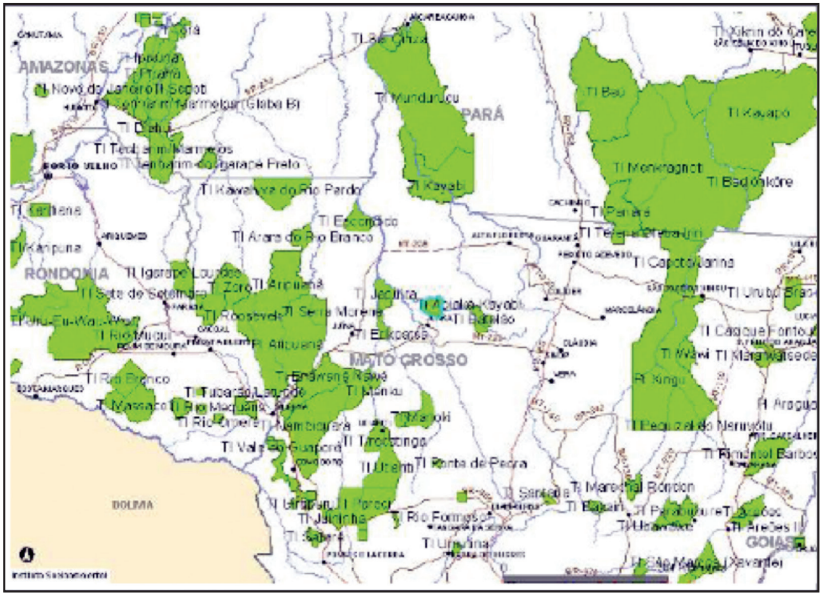
Figura 3. *Detalhe das três áreas ocupadas pelos Kaiabi no Mato Grosso: PI Xingu, TI Apiaka-Kaiabi, e TI Kaiabi. Fonte: Adaptado de ISA (2008a), in Athayde 2010, pag. 142, figura 4-3.*